

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Novo Conquista

Class.: Cinta - Larga 08

Data: 06/09/68

Pg.: _____

Facinora diz como se mata índio

Niterói (Sucursal) — "Matei o chefe com um tiro de mosquetão no peito. Quem metralhou os Cintas Largas e retalhou a índia, a facção, foi Chico Luis. Antes matou uma criança com um tiro de 45 na testa e mandou botar fogo nas malocas junto do Rio Aripuanã. A expedição durou quase 60 dias e foi organizada pelo seringalista Antônio Mascarenhas de Junqueira."

Essa é a confissão do facinora Ataíde Pereira dos Santos, feita há dois anos, gravada em Curitiba, na 6.ª Inspeção de Índios de Mato Grosso, podendo ser confirmada pelos Srs. Ramis Bucair e Hélio Jorge Boccker, que residem em Niterói. O assassino de índios está solto e vendia picolé, até bem pouco tempo, em Curitiba. O inquérito que se instaurou não foi às últimas consequências.

CUSPIA FOGO

— A mulher foi fortemente amarrada — disse ainda Ataíde em sua confissão —, de cabeça para baixo, numa árvore no meio da roça dos índios. Chico Luis suspendeu a corda e o corpo ficou balançando. Com o facão terço abriu a índia em dois pedaços, quase de um golpe só. A aldeia parecia um açougue humano, com tanto sangue espalhado pelo chão. Depois jogamos os corpos na correnteza e fizemos o caminho de volta.

— Todos os membros da expedição — continua — ficaram do outro lado do Rio Aripuanã. Eu quase dormi na pontaria quando apertei o gatilho e o chefe dos índios tombou. Chico Luis em seguida começou a metralhar os que estavam em cima da choupana, concluindo a cobertura com palha do coqueiro. Os outros atiravam também, com revólver 38 e rifle papo amarelo. Nenhum índio teve tempo de armar o arco e a flecha. A maior — tenho certeza — foi baleada, mas dois ou três conseguiram embrenhar-se na mata. Chico Luis ficou furioso e parecia cuspir fogo. Eu disse depois para ele: "Não faz mais judiação porque os Cintas Largas vão querer vingança, e logo estarão de volta". Mesmo assim, ele investiu contra o menino, agora com o revólver na mão. O garoto estava chorando, seguro pela mão da mulher. O tiro foi certeiro na testa da criança. Mas, mesmo assim, a índia não correu. Foi arrastada pelo braço e não se debatia, até que foi suspensa na árvore e aberta ao meio.

UMA DECISÃO

Ataíde contou o episódio do massacre na época e voltou a repeti-lo, depois, perante o repórter, insistindo que a expedição tinha por objetivo único exterminar os índios Cintas Largas. A chacina foi em Mato Grosso, no Paralelo 11, numa região rica em ouro e diamante, quase inacessível, "e onde se morre e se mata sem saber por quê".

Explicou também que a matança é frequente entre os próprios seringueiros. O criminoso decidiu delatar seus companheiros porque caminhou 58 dias pela selva e não lhe pagaram os 50 contos prometidos pela empreitada sinistra, que começou na confluência dos rios Juinamirim e Juruena. Para ele e muitos outros homens da região, "um índio vale menos que um cachorro".

PARA MATAR

A expedição saiu do barracão do Junqueira e subiu o Juruena numa lancha, passando pela Barra do Rio Sangue. Atingiu o local denominado Águas Bravas, onde o Rio Juruena se torna bastante revoltado, e depois embrenhou-se na mata. Eram seis homens experimentados, sob o comando do Chico Luis, que deu a palavra de ordem com a sua metralhadora pim-pimpim.

Conforme ainda o relato de Ataíde Pereira dos Santos, a expedição era integrada por Chico Luis — espécie de capitão no então seringal de Antônio Junqueira — e ainda pelos facinoras Ramiro, Manuel Rodrigues e outro do cujo nome não se lembrou e a quem chamavam de Boliviano.

O RIO 13

A caminhada — sempre na batida dos Cintas Largas — durou muitos dias até a Serra do Norte, que alguns chamam também de Morena. Todos esses pontos podem ser encontrados num ma-

Indígenas: matanças e exploração
pa comum de Mato Grosso. Chico Luis possuía uma bússola japonesa, mas mesmo assim a expedição acabou por se perder na selva, depois de atravessar o Rio 13 de Julho, afluente do Aripuanã.

Um avião Cessna, utilizado também para massacrar os índios, logrou mais tarde localizar os homens na selva. Não havia mais nada para comer. O piloto, de nome Donato, jogou víveres e bastante munição. Lançou também uma carta com instruções sobre a região para que os homens fossem caminhando sempre em frente. Aquela altura tinham encontrado a cabeceira do Rio Aripuanã e também uma roça abandonada pelos Cintas Largas. Uma outra expedição, antes, já havia chegado até o local, no encalço dos índios, sob o comando de um certo Tenente Luis, conhecido pistoleiro.

UMA PROCURA

— Nós estávamos cansados e alguns já queriam desistir. Mas Chico Luis ameaçou com um chicote e disse que matava — conta ainda Ataíde. E acrescenta: Vimos a fumaça somente alguns dias depois. Mas não nos aproximamos. Na roça dos Cintas Largas, que tínhamos deixado, ficamos durante cinco dias comendo mandioca e cará nativo. Dormíamos em barraca de plástico, pescávamos e fazíamos pequenas caçadas. Nenhum confiava no outro, porque lá no Aripuanã é comum acabar com a vida do inimigo e depois cravar o corpo de flecha, para botar a culpa nos índios.

— Chico Luis só ficou tranquilo quando viu que os índios estavam perto. Ai não falou mais que a expedição era para procurar ipecaçuanha (planta medicinal). Contou a verdade: todos os índios tinham que ser expulsos ou mortos de qualquer maneira. Foi a ordem que Chico Luis havia recebido de Amorim de Brito, encarregado dos seringais do Doutor Junqueira.

UMA REVOLTA

Ataíde fala agora de uma revolta no seringal, quando nove homens foram mortos e diz que Amorim de Brito era um verdadeiro animal "e só dele Chico Luis tinha medo".

— Amorim de Brito era também famoso matador de índios e só podia acabar mesmo com um tiro na boca. Quem mais tinha mortes nas costas, porém, era o Chico Luis, cearense mau como um capeta. Ele se gabava de ser o número um e afirma ter sido quem mais matou índios entre todos os homens que estão em Barranco Vermelho, no acampamento de Águas Bravas. Amorim e o Tenente Luis mataram também o Cavalcanti, no barracão do Juinamirim. Eu vi quando mataram e queimaram depois o corpo dele. Foi então que os seringueiros se revoltaram. Morreram, ainda, além do Amorim, um outro cabra chamado Paraná, um fiscal de estrada do seringal e o pesador de borracha. Foi só. Vi toda essas pessoas serem assassinadas, mas não quis me meter. Houve mais três mortes, mas a essas eu não assisti. Soube porque me contaram.

MORTANDADE

Tudo isso aconteceu num período de quase dois dias e só serenou quando o Amorim serviu de pasto para as formigas. O que foi bem feito. Amorim queria mandar em todo mundo. Teceu a mulher dos outros e depois que se fartava passava em frente, nunca para o primeiro dono. Depois da mortandade, houve uma bebedeira dos diabos e o Junqueira chegou de avião para resolver o assunto. Não pagou a ninguém, mas prometeu fazer em Curitiba. Foi quando muitos seringueiros decidiram ir embora.

Ataíde retoma o relato sobre a expedição, e diz que os índios foram mortos pela manhã, quando construíam suas malocas.

— A gente tinha sido escolhida a dedo e sabia caminhar no matagal igual ou melhor que um índio. E não fizemos nenhuma febreira que pudesse chamar a atenção. Chico Luis mandou que não falássemos e um cigarro passou de boca em boca. Ficamos todos acordados, esperando o dia clarear, com as armas engatilhadas, para o que desse e viesse. Mas, eu acho que os índios já tinham presenciado a gente. E verdade que tivemos o cuidado de não atravessar o Rio Ari-

puaná e da margem direita fizemos o trabalho.

TIRO DE MISERICÓRDIA

— Minha missão era só matar o chefe dos Cintas Largas naquela manhã. O índio estava isolado e era o único que não trabalhava, encostado a uma pedra. Parecia fiscalizar os outros, quando Chico Luis disse: "Segura o capitão deles, que eu acabo com o resto". Chico Luis me escalou porque confiava na minha pontaria. O Boliviano tinha uma Winchester, mas eu nunca falhava com o meu mosquetão. Chico Luis ficou disparando com a metralhadora ainda por muito tempo. Os outros deram também tiros com suas carabinas, mas foi de misericórdia, pois eu acho que todos já estavam mortos.

DO OUTRO LADO DO RIO

— Não lembro quantos índios foram mortos, mas pelo menos mais de 15 deles levaram balaço e chumbo. Mortos no chão, mesmo, deviam ter uns oito quando atravessamos o Aripuanã e passamos para a margem esquerda. Antes, nós tínhamos rastejado um estirão, sempre beirando o mata para não fazer barulho e sermos vistos. Começamos a atirar de uma distância de 30 metros e só nos levantamos para ficar numa posição melhor. O chefe dos índios já estava prostrado e nem se contorcia. Mesmo assim, Chico Luis fez contra ele uma rajada. A índia foi a única que não correu. O seu filho devia ter uns cinco anos e chorava, seguro pela mão da mulher. Acho que foi isso que enfureceu Chico Luis. Ele disse: "É preciso matar todas essas pragas". Eu falei: Isso não é bom, Chico. Os padres não vão gostar. Ainda disse para ele: "Por que a gente não fica com a mulher? Ele não respondeu. Deu um tiro no menino e correu para pegar a mulher.

NOVA E BONITA

— Eu ainda insisti, dizendo que o pessoal estava sem ver mulher há mais de um mês, mas Chico Luis não queria conversa. Lembrei, também, que a gente podia carregar a índia para o acampamento e dar de presente ao Amorim. Ela era nova e bonita. Foi quando ele falou: "Quem quiser mulher que venha buscar no mata". Eu não quis falar mais nada, porque acabei ficando com medo do Chico Luis. O homem estava com o diabo no corpo e só queria ver sangue. Ainda pensei que ele queria possuir a índia quando pegou a corda. Bem, mas não foi para isso, pois em seguida amarrou o corpo dela e suspendeu de cabeça para baixo, numa árvore bem no meio da roça. Depois puxou o facão. Lembro quando se virou e disse para os homens que fossem logo botando fogo nas malocas. A mulher foi cortada ao meio e afinal Chico Luis se acalmou, terminando o esquarteramento. Pensei em dar-lhe um tiro pelas costas, mas não tive coragem.

LOUCURA NA SELVA

— Todos nós pensamos que Chico Luis tinha ficado louco, mas ele continuou dando ordens e mandou que os restos humanos fossem jogados no rio. E foi o que nós fizemos antes de voltar para atravessar o Aripuanã. Tudo isso não demorou nem uma hora, porque o sol ainda não estava a pino quando passamos para a outra margem. Apanhamos as coisas e não fizemos mais uma parada até o início da noite. Sempre que podíamos tentávamos apagar as pegadas, mas passada de sertanejo não ilude índio. Levamos um mês e meio para encontrar os Cintas Largas e muito menos tempo para voltar. Posso jurar — prosseguiu Ataíde —, que foi essa a única expedição em que tomei parte para acabar com os índios. Chico Luis porém não gostou do meu trabalho e negaceou com o pagamento. A expedição foi só para exterminar os Cintas Largas, mas o Chico Luis, para agradar o Junqueira, trouxe mostras de minério. Eles estão sentados sobre grandes jazidas de cassiterita e a terra deles dá boa plantação. Os índios sabem escolher a melhor porção de terra e não querem sair dela, de jeito nenhum. É preciso usar de força — conclui Ataíde Pereira dos Santos.

C E
1.2
812